

A tentativa de entrevista

É o último reduto de Marco de Canaveses, o gabinete de Avelino Ferreira Torres. A Pública entrou nele na manhã de sexta-feira 1 de Abril, à hora que tinha sido acordada num encontro casual com o próprio presidente da câmara, dois dias antes. A entrevista fora pedida justamente para este último dia de permanência no Marco de Canaveses, de modo a poder ouvir o autarca sobre as questões surgidas ao longo da reportagem.

A secretária do presidente abriu a primeira porta, que tem um código e dá acesso a uma espécie de “hall”, depois uma segunda porta, aparentemente blindada, e retirou-se. Fechada a porta, o presidente revelou que já estava informado sobre os passos da Pública em Marco de Canaveses, referindo-se explicitamente à conversa na esplanada com Gil Mendes, o homem que o denunciou por irregularidades. Levantando progressivamente o tom de voz, afirmou saber bem que tipo de pessoas tinham sido ouvidas e qual era o objectivo da reportagem. A jornalista respondeu que tinham sido ouvidas cerca de duas dezenas de pessoas, muito diversas, nas freguesias e na cidade, com o objectivo de fazer um retrato da vida no concelho, num momento em que o presidente dos últimos 22 anos é candidato a outra câmara, e que a Pública estava ali para ouvir Avelino Ferreira Torres, tendo uma série de perguntas para colocar. O presidente disse então que a entrevista podia ser feita na condição de se reproduzir 100 por cento do que dissesse. Foi-lhe explicado que isso era impossível, que a entrevista seria sempre objecto de tratamento editorial, e que lhe cabia a ele acreditar ou não que tratamento editorial não significa desvirtuar o conteúdo. O presidente chamou a atenção para o gravador que também trouxera para a entrevista. A jornalista ligou o seu. No início da segunda pergunta, à menção “falência técnica da câmara”, o presidente voltou a elevar a voz, contestando em termos abruptos a utilização do termo. Na

pergunta seguinte, com uma citação do seu adversário Luís Almeida, do PS, o presidente explodiu. Berrou que não admitia a menção desse “nome de estrume”. A jornalista insistiu em tentar concluir a pergunta, mais do que uma vez. O presidente exigiu que se interrompesse a gravação e levantou-se aos berros, batendo com os pés. A jornalista levantou-se e deu por concluída a tentativa de entrevista. O presidente continuou a berrar e a bater com os pés no chão, entre os repórteres e a porta, repetindo “estrume”, insinuando que a Pública estava manipulada pelos seus adversários. Os repórteres continuavam de pé, à espera de poder sair. O presidente exigiu ficar com a cassete com a tentativa de entrevista. A jornalista respondeu que o registo das palavras de Ferreira Torres não seria usado, visto que o acordo de entrevista ficara sem efeito. O presidente continuou a exigir a cassete, respondendo que não confiava na jornalista. Este pingue-pongue arrastou-se. O presidente berrou que os repórteres não saíam dali enquanto não lhe dessem a cassete. A jornalista tirou então a cassete do gravador, partiu-a ao meio, tirou a fita e queimou-a com um isqueiro. Se, num extremo de interpretação legal, fosse possível defender que o direito ao conteúdo da tentativa de entrevista também cabia a Ferreira Torres, já a cassete era seguramente da Pública, não tinha que ser entregue ao presidente. Continuando de pé entre os jornalistas e a porta, Avelino berrou depois que fosse apagado da câmara digital o registo da meia dúzia de fotos que lhe tinham sido tiradas ali, à secretária, mesmo perante insistentes garantias por parte do repórter de que as fotos não seriam usadas. O que foi feito. O presidente chamou um funcionário para ter a certeza de que as fotos estavam a ser efectivamente apagadas e continuou a gritar “estrume” a propósito de Luís Almeida. A Pública não sabe se o gravador de Avelino estava ligado ou não. O aparelho encontrava-se deitado, com o visor da cassete para baixo. ●



ANTÓNIO CARVALHO

6 0
A N O S
PADRE EM TUIAS

Contou com todos os meios da câmara na vistosa ampliação da sua igreja, de que Avelino Ferreira Torres é paroquiano. Sobre a igreja de Álvaro Siza: “Não gosto... Até corro o risco de ser atrasado!”



MANUEL VALES

6 8
A N O S
PADRE EM VILA BOA DO BISPO

Lançou um pedido para comprar uma capela no topo de um monte que custou 185 mil euros. Está à espera que o Estado assegure o restauro urgente da igreja que é monumento nacional. Sobre Avelino Ferreira Torres: “Não tenho razões de queixa”.

→ professores e autarca na junta de Ariz, militante do PSD.

Numa terra em que se diz que as pessoas falam mais atrás das portas, é na esplanada de um café, à vista da câmara, que Gil conta como começou a filmar as obras de Avelino em 1995. Apresentou denúncia à Procuradoria-Geral da República, e o processo, por peculato, seguiu, com condenação, recursos, contra-processos de Avelino por difamação, e ainda não está encerrado — aguarda recurso.

Nos primeiros tempos, Gil Mendes afirma ter recebido telefonemas anónimos do género: “Ou deixas o presidente em paz, ou damos cabo de ti.” Esteve refugiado em casa de um amigo, “a conselho de alguém com responsabilidade”. Teve medo? “Tenho consciência de que corri perigo. Aqui no concelho há muito medo. Quando o caso se tornou nacional, senti-me mais seguro.”

Em 1999, por causa de um grupo desportivo de que era presidente, pediu uma audiência a Ferreira Torres. Descreve-a assim: “Ele estava com o vereador da Cultura, José Carlos Meneses. Fecharam a porta e depois ele começou aos pontapés, a cuspir, partiu-me os olhos, o dedo mindinho, um telemóvel, o gravador, tirou-me tudo. Com o vereador a agarrar-me. Isto durou uns dez minutos. Eu no chão e ele a calcar-me. ‘Até pode arrumar comigo’, disse-lhe eu. ‘Estão lá fora a PJ e amigos meus.’ Largou-me e nunca mais me agrediu.”

Ao longo desta conversa pelo menos um próximo de Avelino Ferreira Torres foi comunicar ao presidente com quem Gil Mendes falava. Foi isto que Ferreira Torres fez saber no começo de uma tentativa de entrevista (ver caixa) à Pública no seu gabinete à prova de bala.

Saindo do “bunker”, há um único espaço que justifica ficar um pouco mais na cidade. A Igreja de Santa Maria, de Álvaro Siza, quase entaipada por prédios e obras, completamente deserta a esta hora da manhã. No meio do ruído, uma respiração branca. ●